

## Editorial

# A ancestralidade e a atualidade da contação de histórias

Ninguém duvida que os avanços tecnológicos das últimas décadas venham provocando grandes transformações na sociabilidade e na comunicabilidade humanas. Mas da forma como muitas vezes esses processos são descritos até parece que a tecnologia é um ente independente, único responsável por ciclos de mudança na vida das pessoas. Parece perdurar um esquecimento de que há componentes sociais e culturais nesse contexto, tão ou mais importantes que os próprios esforços técnicos. Queremos chamar a atenção para o fato de que valores, costumes, hábitos e práticas consolidadas também estão mudando desde o final do século passado. E no caso particular do jornalismo, uma das dimensões mais impactadas é a das narrativas: jornalistas e seus veículos estão readequando suas maneiras de contar histórias conforme as (novas) expectativas de seus públicos; profissionais buscam novos parâmetros para articular discursos verbais e não-verbais, à medida que também reaprendem e inovam em suportes variados de difusão das informações.

Este número da revista **Estudos em Jornalismo e Mídia** concentra boa parte de suas páginas a discutir os estatutos da narrativa jornalística no momento atual. Artigos de sete estados no sul, sudeste e nordeste brasileiro compõem o *Núcleo Temático* desta edição, que se dedica às implicações narrativas de reportar. A heterogeneidade geográfica se reflete também na pluralidade das abordagens do tema, seus objetos de pesquisa e contribuições aos estudos da área. Começamos com Vogel, para quem, a reportagem é tão dependente e signatária de estratégias e procedimentos narrativos quanto às histórias, que apenas se comprometem com a imaginação. A natureza do jornalismo e seu comprometimento com a veracidade dos acontecimentos ajudariam a fortalecer esta dependência.

Tagé apresenta resultados de uma pesquisa que se debruça sobre textos publicados na imprensa brasileira na década de 1970 pelo jornalista Marcus Faerman.

Seu ponto de partida é o entendimento de que, observando os recursos tecnológicos de uma época, pode-se entrever condições de produção históricas, culturais e sociais do jornalismo exercido naquele tempo.

Sales avança na discussão, revisitando a zona de atrito que contrapõe e mescla literatura e jornalismo, ficcionalidade e reportagem. O autor traz uma análise que compara a prosa jornalística e a literária do escritor, jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, de maneira a evidenciar o grau de influência entre os dois campos na construção da narrativa deste importante autor.

Ribeiro e Fossá concentram-se em mudanças no modo de enunciação do discurso jornalístico, provocadas sobretudo pelo aumento das referências à sua própria realidade. A construção desta “imagem de si” é ilustrada com exemplos do jornal gaúcho *Diário de Santa Maria* no período que antecede as eleições municipais de 2008.

O texto de Mata e Coutinho não enfoca a autorreferencialidade, mas estratégias narrativas das equipes de telejornais em Juiz de Fora (MG) ao se dirigem ao seu “público imaginado”. Para esses pesquisadores, foi determinante perceber como as rotinas profissionais são mobilizadas para maximizar os processos de identificação entre as propostas discursivas veiculadas e as múltiplas narrativas da região. Figueiredo Sobrinho também se debruça sobre um episódio localizado: as narrativas de um escândalo político durante as eleições municipais de 2004 no Recife, veiculadas pelos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*.

Outros três artigos lançam luzes sobre temas muitíssimo inquietantes nos estudos sobre as narrativas: Zamin trata dos chamados “livros de repórter”, formato particular de escoamento de histórias; Faro observa alguns desafios para as narrativas no jornalismo cultural, com a perda da centralidade da autoria da crítica em consequência da expansão do texto na internet e, por isso, a redução de referências intelectuais da sua audiência; e Maciel coteja as realidades de jornalistas e documentaristas que convivem com dilemas e dificultantes semelhantes no incontornável propósito de narrar.

Na seção de *Temas Livres*, a Estudos em Jornalismo e Mídia também vem plena de ricas contribuições. O colombiano Cortés relaciona inovação e renovação, intencionando apresentar chaves que facilitem a aprendizagem do jornalismo na contemporaneidade. O artigo de Haas analisa o desempenho informativo da internet e o impacto do estágio atual da tecnologia como meio de produção e veiculação de conteúdos, de forma a transformar os campos público e privado das redes de comunicação. E por falar nesta tensão, Foletto enfrenta uma questão delicada: a transparência na apuração em blogs jornalísticos.

Marôpo e Nunes apresentam, cada uma a seu modo, estudos que comparam a realidade brasileira a contextos europeus. A primeira aproxima a participação de crianças e adolescentes nos jornais O Globo e Público, de Portugal. A segunda justapõe capas de dois jornais populares: o Diário Gaúcho e o alemão Bild Hamburg.

Ainda na perspectiva de traçar planos e estabelecer pontes, Bernardo e Buonfiglioli apresentam uma reflexão sobre as relações entre os campos antropológico e jornalístico, tendo como terreno de observação o jornalismo de viagem.

Nervo discute em seu artigo o impacto da mídia massiva no livre exercício da opinião individual e nas condições de governabilidade locais, tendo como referencial teórico as ideias do filósofo e economista inglês John Stuart Mill.

Para fechar o número, publicamos também a resenha do livro “A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento”, de Muniz Sodré, assinada por Anunciação. Nada mais apropriado para um número que convida a um panorama das narrativas jornalísticas.

Boa leitura!

***Rogério Christofolletti, editor***